

FÁBULAS DE JOÃO DA TARDE

I

O meu gigante João da Tarde vinha sempre me ver ao fim
[do dia,
No momento em que eu deixava meus trabalhos no campo
E o sol descia muito longe, muito além das terras do Brasil. . .

Íamos então lado a lado caminhando
Por toda a extensão da várzea limpa e dourada,
Da várzea luzindo, agraciada pelo sol,
Recentemente revolvida, navegada pelo arado;
Seguíamos depois pelo caminho do açude, perlongando,
[convagando a levada.
João agitava os braços enormes em gestos de fuga e ambição
E me falava com palavras repassadas de longínquo e de horizonte.
Pouco, muito pouco percebia do que me segredava,
Pois, os seus pés estando sempre juntos do meus,
A sua cabeça se afastava para além da curva do rio.

João da Tarde, o gigante!

Muito antes, porém, de se chegar a casa
– Sempre com os seus pés tão juntos dos meus –
O gigante desaparecia, sem um gesto saudado, sem mão de adeus;

Sumia, se esgueirava. . .

E simplesmente, noitemente se perdia
Na sombra das sombras, porque era sombra!

II

João da Tarde, vendedor de chuvas,
Viajou para o sertão.
Levava em seu mostruário os mais belos fios das nuvens,
As chuvas mais ricas do céu!
Umhas de tecidos finos e frios, outras de fortes bâtegas pesadas;
Chuvas irisadas de sol e de lua,
Jaspeadas de brisa matutina ou debruadas de tarde;
Levava peças inteiras de Chuvão e de Aguaceiro,
De Piroabas delgadas e de espessas Camboeiras
– Alguns retalhos de Chuva-de-rama e de Santa Luzia –

Entre ruços, névoas e neblinas levava também
Garoas de São Paulo, Torós do Rio de Janeiro,
Aruegas de Minas Gerais.

No largo da feira abriu o seu pluviário
E apregoando ficou por todas as horas: claras e sombrias, tardias
[e prematuras,

Apregoando ficou
As vantagens e fantasias dos seus panos de chuva:
Como eram retilíneos e firmes no ar,
Como envolviam e amavam as sementes!

Mas ninguém o escutava, ninguém lhe atendia.

Uma velha mulher chegou-se, entretanto,
Uma velha que trazia a fome nos ombros e nos olhos
E que trazia a seca no ventre e no seio;
Chegou-se, apanhou no chão ressequido um pedaço de sombra
[de nuvem

E espremeu-o, tanto o espremeu nas suas mãos magríssimas
Que fez cair algumas gotas sobre a terra cinérea:
Vinhão elas talvez dos seus olhos, das unhas talvez. . . – olhos
[de suas mãos –

(Gotas do seu sangue sem cor)

– Esta, disse a velha mulher, é a chuva que usamos, meu senhor!

E João da Tarde porque não possuía
Uma chuva tão pobre, uma chuva tão tristemente,
Fechou o seu calendário. E partiu.